

MANUAL AMADOR DE POLÍTICA PARA A PRÁTICA
Entendendo as Regras Básicas do Jogo

Benedito Braz Neto

Sumário

APRESENTAÇÃO	03
Capítulo 1 – Querer Não É Poder	04
Capítulo 2 - Por que aceitamos que mandem em nós?	06
Capítulo 3 - Precisamos Mesmo de Política?	08
Capítulo 4 - O Mapa Ruim e o Mapa Bom	10
Capítulo 5 - O Profissional da Política e os Outros	13
Capítulo 6 - Ninguém Governa Sozinho	15
Capítulo 7 - Trate Seus Apoiadores de Acordo com a Importância de Cada Um	17
Capítulo 8 - O Jogo da Política	20
Capítulo 9 - O Fim do Poder	22
REFERÊNCIAS	25
Comentários Sobre as Referências (Ou: Para Quem Quer Ir Além)	26

APRESENTAÇÃO

Este livro é um manual duplamente amador. É amador porque foi escrito por uma pessoa que nunca foi Profissional da Política. Tenho interesse pelo tema há mais de uma década, mas nunca tentei exercer o poder político de maneira profissional.

Também é amador porque foi escrito para pessoas que querem entender o que acontece no mundo. Elas veem um jogo rolando, mas não entendem as regras. Elas querem entender as regras, mas não têm pretensão de entrar no jogo de maneira contundente.

Apesar desta dupla natureza amadora, ninguém deve confundir este livro com uma obra escrita sem rigor de pesquisa. Aqui eu resumo e apresento muito do que foi compreendido por figuras altamente rigorosas e capazes, como Aristóteles, Bourdieu, Maquiavel, Mises, e muitos outros. Fiz esse trabalho de uma maneira que acredito ser didática e concisa, contudo, fiz também de maneira superficial.

Não é à toa que escolhi essa abordagem. Eu desejei criar um manual simples que explicasse as regras básicas da política para pessoas que não conseguem ler em inglês e que não desejam se aprofundar neste tema. Logo, deve ser leitura acessível.

Eu procurei muito, mas não encontrei nenhuma obra simples e didática em português que ensinasse de maneira concisa o que eu tentei explicar aqui. Há, em outras línguas, boas obras que tentam fazer o mesmo que eu fiz aqui. Já que eu não encontrei em português algo assim, resolvi assumir esta responsabilidade, mas não tenciono ser inovador.

É óbvio, portanto, que foi minha preocupação evitar distinções acadêmicas neste livro. Eu me esmerei na tentativa de fazer algo que possa ser compreendido por pessoas que nunca chegaram ao ensino médio – se eu fui capaz de realmente alcançar este feito, apenas o leitor pode julgar.

Ou podemos dizer, com outras palavras, agora falando de maneira acadêmica, que esta obra não apresenta *habitus* acadêmico. Tem espírito comum, de pessoas comuns.

Leia este texto para aprender o básico. Se você quer aprofundar-se no assunto, deixe no final seis obras como referências, e comentei brevemente sobre cada uma.

Por fim, é importante responder uma pergunta que talvez passe pela sua mente ao ler esta apresentação. Se você não quer ser Profissional da Política, por que deveria aprender as regras básicas do jogo político? A resposta mais rápida e óbvia é dizer que tudo o que se passa no jogo da política tem o poder de afetar muito a sua vida, para melhor e para pior. Mas eu prefiro algo menos óbvio.

Tudo o que é tratado aqui explica o comportamento do jogo político dos deputados, dos senadores, dos juízes e etc. (ou seja, dos Profissionais da Política), tanto quanto explica o comportamento do gerente de um pequeno restaurante, do dono de uma grande empresa ou de um líder de time de futebol amador.

As regras básicas da política não se aplicam apenas aos grandes poderosos, mas a todos os pais de família que exercem poder sobre seus filhos. E a muitos outros.

Você está participando do jogo o tempo inteiro. Melhor conhecer as regras.

Capítulo 1

Querer Não É Poder

O título deste capítulo quer dizer que nós desejamos tudo e que não é possível que todo mundo tenha tudo o que deseja. Todo mundo quer tudo, mas só é possível ter algumas coisas, e bem poucas.

Pense em você, por exemplo. Você deseja um monte de coisas. Nem você sabe tudo o que quer. Quando consegue uma coisa já quer outra. Do mesmo jeito que você, seu vizinho (e todas as pessoas no mundo) querem muitas coisas, e na hora que conseguem uma já querem outra.

Talvez você esteja pensando em alguém que compra um carro e, mal comprou, já quer trocar por um mais caro. Eu também, mas não apenas nele. Eu estou falando de você e de todo mundo que você conhece.

Pense no que você mais deseja agora. Pode ser que seja comer um bolo. Pois bem. Tem muito bolo no mundo, certo? Mas tem mais gente ainda! Se todo mundo hoje quiser comer um bolo, não vai ter bolo para todo mundo. E se você desejar trabalhar no emprego dos seus sonhos? Também não há vagas para todo mundo. Talvez seu sonho seja viajar, e eu vou ter de lembrar que é impossível todo mundo viajar ao mesmo tempo.

A lição que você precisa aprender logo de cara é que os recursos são escassos. Isso quer dizer que não tem tudo para todo mundo o tempo todo. Sempre que você quer alguma coisa, tem mais alguém querendo aquela coisa.

E você sabe do que eu estou falando. Você lembra quando se apaixonou por aquela menina (ou menino) dos seus sonhos e morreu de ciúmes quando soube que tinha mais alguém apaixonado por ela (ou por ele). Lembra sim.

Ou talvez seja melhor lembrar quando brigou com seu irmão (ou irmã) porque queria assistir uma coisa na TV e ele (ou ela) queria assistir outra que passava no mesmo horário.

Todo mundo entende, certo? Existem muito mais desejos do que coisas que podem satisfazer esses desejos. Simples assim. Mas o que isso tem a ver com política?

Sem complicar as coisas (porque o assunto é muito mais complexo do que isso): política é a maneira que nós temos para decidir como as coisas são divididas entre todas as pessoas.

Quando criam uma lei dizendo que você não pode ligar som alto depois das 22 horas, isso é uma maneira de fazer política. Quando centenas de pessoas, mesmo sem lei, decidem que vão punir quem roubar um celular, isso também é uma maneira de fazer política.

No caso do som, o seu vizinho quer ficar em silêncio e você quer barulho. Percebeu que falta espaço? Se tivesse mais espaço para vocês, não seria preciso política. Cada um ficaria num lugar separado sem ter de ouvir o outro. Já no caso do celular roubado, temos falta de celulares. Se todo mundo tivesse celulares até não aguentar mais, ninguém iria se importa com isso. Qual a última vez que você ouviu falar de alguém dando queixa porque outra pessoa respirou o ar que ela iria respirar? Nunca, certo? Isto acontece porque tem ar para todo mundo, e ninguém sente falta.

Toda essa conversa é para deixar claro o seguinte: política existe porque nós precisamos escolher um jeito de dividir as coisas que existem. Precisamos criar regras para decidir quem pode e quem não pode fazer cada coisa. Ou quem pode e quem não pode ter alguma coisa. E ainda temos de ter regras para dizer **a maneira** de usar cada coisa.

Talvez você pense: é fácil! É só cada um pegar o que quiser! Quando mais de uma pessoa quiser a mesma coisa, elas brigam. Quem ganhar a briga fica com a coisa! Então eu vou pegar o que eu quiser e pronto!

É uma ideia. Mas a maioria das pessoas não gosta dessa ideia. Então eles provavelmente vão acabar fazendo você se arrepender se tentar fazer isso.

Assim, política é a maneira que temos para decidir. Para que você não brigue com seu vizinho quando ele quiser silêncio e você quiser barulho, decidimos pela política que o som deve ser desligado quando passar das 22 horas. E para que dois caras não se matem, por ciúmes, tentando decidir quem dos dois vai namorar a menina que eles gostam, foi decidido politicamente que namorará ela a pessoa escolhida por ela.

Essas regras que a política nos traz vão fazer com que você tenha o que você quer, mas só algumas vezes. Nas outras vezes, você vai ter de aceitar ficar sem o que você quer.

Se a política é o método que usamos para criar as regras, este manual vai te ensinar as regras que a política precisa obedecer. Ou seja, as regras da criação de regras. Mas antes de chegarmos lá, talvez você tenha uma pergunta a fazer.

“Mas por que a humanidade aceitou isso? Porque aceitamos ficar sem o que nós queremos? Por que nós aceitamos as regras criadas pelos outros mesmo nas vezes em que essas regras nos deixam chupando o dedo?”

Vamos responder.

Capítulo 2

Por que aceitamos que mandem em nós?

Você já deve ter tido um pai (ou mãe) chato. Daqueles que não te deixa fazer nada. Você quer sair e ele não deixa. Quer assistir TV e ele quer assistir outra coisa (e você não pode brigar com ele como briga com seu irmão). É um saco! Por que você aceita isso?

Vamos deixar os pais de lado. Por que você não briga com seus amigos quando eles querem fazer uma coisa e você quer fazer outra? Ou com seu patrão, quando ele manda você fazer algo num momento em que você queria ficar deitado?

Essas perguntas têm a mesma resposta da que fizemos antes. Decidem algo politicamente e, por causa disso, eu fico sem o que eu queria. Por que eu aceito isso?

Simples, porque é melhor assim.

Vamos simplificar (porque esse assunto é muito mais complexo que isso) e resumir a dois motivos. **1º-** Você sabe que existem coisas que você não consegue fazer sozinho. **2º-** Você sabe que perde o que tem se não aceitar as regras.

Vamos falar rapidamente do primeiro motivo. Você não consegue viver sozinho. Não existe jeito de viver sozinho, mas mesmo que existisse, você iria viver uma vida miserável. Você não consegue fazer um misto quente sozinho. Duvida? Tente! Não compre o pão, nem o presunto, nem o queijo. Faça sozinho. Nem pense em usar a faca que comprou, certo? Nem o fogão! Porque tudo o que foi comprado foi feito por outras pessoas.

Você então percebe que você precisou do padeiro para ter pão, e de muito mais gente para ter as outras coisas. E só assim você faz o seu misto quente.

Então, repito, é melhor assim. É melhor aceitar que, algumas vezes, você vai ficar sem o que quer. Mas, nas outras vezes, você vai ter ajuda das outras pessoas (o padeiro para fazer pão, por exemplo) e nessas vezes você vai poder ter o que quer. Para isso, você vai ter de aceitar as regras criadas pela política. Se não aceitar as regras, vão te expulsar e você nunca mais vai comer um misto quente.

Isso, é claro, se aplica a tudo. Não é apenas um misto quente, mas qualquer coisa. Você consegue quase nada sozinho. Lembre que até para conversar com um amigo, você precisa ter um amigo.

O segundo motivo também é importante. Você perde o que tem se não aceitar as regras que foram criadas pela política. O que isso quer dizer? Ora, você tem alguma coisa. Você pode ficar com raiva e achar que é injusto que outras pessoas tenham mais do que você. Isso é normal. Mas você tem alguma coisa. E essa coisa que você tem só existe porque foi feita dentro das regras criadas pela política. Se você jogar fora as regras, vai acabar não tendo mais as coisas que você tem. É simples, não?

Pense, por exemplo, em uma pessoa que trabalha o dia inteiro recebendo ordens de seu chefe. Ela precisa obedecer ao chefe. Em compensação, saindo do trabalho, ela recebe algum dinheiro. Com esse dinheiro ela pode dar ordens em qualquer mercado, ou padaria, ou farmácia, etc. Pode parecer que ela não dá ordens no mercado, mas dá. Pelas regras que nós criamos, ela tem o direito de deixar o dinheiro lá e sair com as compras dela, e ninguém no mercado pode impedi-la!

É por isso que sempre existe política. Por que não existem coisas o suficiente para satisfazer os desejos de todo mundo, e porque todo mundo entende mais ou menos que é

melhor não ficar brigando o tempo todo. Então nós resolvemos as brigas de maneira política em vez de todo mundo tentar matar o vizinho para ter um misto quente.

Eu gostaria também de explicar porque você tem pouco poder em vez de ter mais poder. Assim, você teria uma ideia de quais os motivos que fazem você ter de obedecer a tanta gente, mas poder mandar em tão poucas. O problema é que essa explicação não é nada simples. Nada mesmo! Não consigo resumir e simplificar essa explicação. Perdão por isso.

Você sabe que as pessoas não têm poder político igual. Sabe que umas têm mais que outras, mas não vai dar para eu detalhar este tópico. Eu deixo aqui a esperança de que um dia vocês pesquisem e procurem saber mais sobre **autoridade e legitimidade**. Talvez um dia eu consiga fazer um bom resumo sobre o assunto e faça um novo livro. Por hoje, vamos ficar por aqui.

Agora, depois destes dois capítulos, talvez você esteja pensando: “Mas não tem jeito de decidir quem fica com cada coisa sem usar a política? Não dá para fazer algo diferente? Talvez nós possamos dividir tudo de uma maneira lógica em vez de uma maneira política”.

Vamos falar um pouco sobre isso.

Precisamos Mesmo de Política?

Vamos pensar numa maneira de dividir os recursos de forma justa sem usar a política. Afinal, tem tanta coisa no mundo, se nós fizermos de um jeito bem feito, todo mundo vai ter o que precisa e vai viver bem, certo?

O nome original deste capítulo era “Variáveis da Igualdade Geométrica na Alocação de Recursos”. Eu mudei porque achei que esse nome ficaria complicado demais. O que significa essa frase? Recursos são as coisas que existem e que nós podemos usar. Alocar os recursos é escolher com quem fica cada coisa, e para o que cada coisa vai ser usada.

Mas o que é Igualdade Geométrica? É uma noção grega antiga que explica que as pessoas não são iguais e que, por causa disso, se nós dividíssemos tudo de maneira exatamente igual, não seria justo.

Por exemplo, imagine que você fez dois bolos e seu colega fez apenas um. Agora imagine que o dono da padaria pagou a mesma coisa para os dois. Você falaria que isso é injusto porque você fez mais do que seu colega?

Agora outro exemplo. Imagine que você é jovem e forte e que está acompanhado de um senhor de 100 anos de idade que está doente. Imagine que só tem uma cadeira por perto. Você falaria que é justo vocês dois ficarem sentados, cada um com metade da cadeira? Ou revezando, cada um fica meia hora sentado e o outro espera em pé? Seria justo?

Isso mostra bem o que é igualdade geométrica. Significa que somos iguais apenas em proporção. No exemplo do bolo, você é duas vezes melhor que o seu colega em fazer bolo. No exemplo da cadeira, você é várias vezes mais forte que o idoso de 100 anos de idade.

Quando você percebe isso, você entende que dividir as coisas igualmente seria injusto. Então a justiça seria feita se nós dividíssemos as coisas para todos na proporção das igualdades (é isso que quer dizer “geométrica”, ou seja, na proporção geométrica). Então quem faz o dobro dos bolos ganha o dobro do salário e quem é 10 vezes mais forte fica 10 vezes mais tempo em pé. Pronto, conseguimos uma maneira lógica de dividir tudo sem usar a política. Resolvido, certo?

Temos alguns problemas. Como nós vamos saber a proporção das igualdades? No exemplo da cadeira, como julgamos a força que você tem e a força que o idoso tem? Pode ser que você seja 1000 vezes mais forte. Pode ser que seja apenas 997 vezes mais forte. Ou 103 vezes mais forte. Como fazer esse cálculo?

Vamos pensar num exemplo mais difícil.

Imagine que você está concorrendo a uma vaga na faculdade de medicina. Imagine que são apenas duas pessoas, você e mais uma. Quem fica com a vaga? Aqui não dá pra dividir a vaga. No exemplo da cadeira você pode ficar com metade da cadeira ou ficar metade do tempo na cadeira. Mas neste exemplo, a vaga não pode ser dividida. Quem fica com ela?

Claro! Quem tirar a melhor nota na prova do vestibular! Mas quais as matérias que caem no vestibular? Se cair mais português do que matemática e você for ruim em português isso vai te deixar em desvantagem. Isso é justo? Mais um problema! Mas vamos deixar este problema de lado.

Fazemos a prova e você tira 9,5! O outro tirou 9,1. Você ganhou! Mas o outro disse que ele deveria ganhar mesmo tirando 9,1. Por quê? Porque ele estudou a vida toda em escola pública na zona rural e isso deixou ele em desvantagem. Mas você responde que você é negro

e isso te deixou em desvantagem também. Ótimo, temos duas desvantagens. O que fazemos agora? Qual desvantagem é pior? Damos mais nota a você ou ao outro? Ou fingimos que não existe desvantagem nenhuma já que cada um tem uma?

Eu espero que você perceba que não é possível calcular as proporções das igualdades das pessoas. Não existe uma maneira de fazer esse cálculo. Quem estudou em escola pública na zona rural tem desvantagem de quantos por cento? 10%? 30%? Se for 30%, é só aumentar em 30% a nota que ele tirou no vestibular e pronto. Mas como vamos saber qual é o justo? E no caso do negro? 30% também? E se o negro estudou em escola pública na cidade vai para 40%? E se foi zona rural?

Vou deixar o problema ainda mais difícil.

Por que vamos dar uma vantagem ao aluno de escola pública da zona rural e ao negro, mas não vamos dar ajuda ao índio? E o homossexual? E aquele aluno que estudou em escola particular porque ganhou a mensalidade grátis, mas não tinha dinheiro para comer bem? E aquele aluno que tem necessidade especial? Qualquer necessidade especial é igual? Se ele só tem uma mão é igual a ter só um pé? Se não enxerga é igual a quem não escuta?

É claro que todos os exemplos acima são diferentes. É claro que você provavelmente vai dizer que todos eles precisam de uma vantagem, de uma ajuda. Mas quem precisa de mais ajuda? E quanta ajuda deixaria o cenário justo?

Não há maneira lógica de calcular a proporção de nossas desigualdades. É impossível. Mas você vai ver esse debate na vida real. Estão debatendo se o estudante de escola pública da zona rural deve ter ajuda no vestibular, e estão debatendo quanta ajuda ele deve receber. O mesmo debate acontece também sobre os negros, sobre homossexuais e etc. Mas se esse debate não tem nenhuma maneira lógica de chegar a um resultado, como eles fazem?

O debate é um debate meramente político. Simples assim. As pessoas usam argumentos, alguns argumentos são bons e outros não, e no fim chegam a uma decisão. Mas a decisão **é sempre uma decisão política**, não importa o assunto. Não é uma decisão lógica, pois não é possível decidir tais coisas de maneira lógica

Assim, ao fim do debate teremos uma regra que dirá qual grupo precisa de ajuda no vestibular e qual a quantidade de ajuda. Essa regra foi criada pela política. E essa regra jamais poderia ser criada de qualquer outra maneira.

E já que não é possível decidir de maneira lógica qual a proporção justa das coisas e sabemos que dividir igual para todo mundo também não é justo, nós chegamos à inevitável e dura conclusão de que é na política que decidimos, e decidimos sempre de maneira política.

A política existe desde que existem seres humanos e vai continuar existindo enquanto existirem seres humanos.

Este é o motivo.

O Mapa Ruim e o Mapa Bom

Responda rápido: se o Brasil fosse perfeito, como ele seria?

Até agora, eu praticamente expliquei apenas os motivos que fazem com que a política exista, e que fazem com que nós tenhamos de conviver com ela para sempre. A partir deste capítulo, vou começar a falar do funcionamento da política. Ou seja, vamos começar a conhecer quais as regras que regem a criação das regras.

A primeira coisa que temos de fazer aqui é jogar fora o mapa ruim. Sim, porque quase todo mundo tem um mapa ruim na cabeça quando se trata de política (até mesmo alguns cientistas políticos!). Mas o que é um mapa ruim? Bem, vocês não verão essa expressão em livros mais formais. Eu gosto de usar ela para ajudar na explicação.

Mapa ruim é aquele mapa que te deixa perdido. E, como eu gosto de lembrar sempre, é melhor não ter mapa do que ter um mapa ruim. Porque não tendo mapa você sabe que está perdido, mas tendo um mapa ruim, você acredita que sabe onde está mesmo quando está completamente perdido e desorientado.

Isso que eu chamo de “mapa ruim da política” é uma ideia. Uma ideia geral que quase todo mundo tem sobre política e que faz com que nada faça sentido. E qual é essa ideia? É a ideia de que grupos agem como grupos, no interesse dos grupos. Falando de um jeito mais simples, a ideia de achar que um país, ou uma empresa, ou uma associação, etc., fazem as coisas para o bem do tal grupo.

Pense no Brasil, para dar um exemplo. Você já viu alguém falando “O Brasil negociou com a China para vender mais soja”? Ou alguém falando “O Brasil não ganha nada com a venda de soja para a China”? Claro que este é apenas um tipo de exemplo. O que eu quero que chame sua atenção é que as frases fazem você acreditar que o Brasil e a China **querem** algo, ou **fazem** algo. Na verdade, o Brasil não quer nada e nem faz nada.

Deixe que eu explico melhor.

O Brasil é um país. Ele é composto de milhões de pessoas, de empresas, de órgãos públicos, de sindicatos, de associações e etc. Quando você fala que o Brasil quer vender mais soja para a China, você está dizendo que toda essa galera que mencionei quer vender soja para a China? Claro que você sabe que isso é impossível. Alguns deles querem, e outros não querem.

Quem decide o que o Brasil quer? Simplificando muito, quem decide o que o Brasil quer e o que o Brasil faz são os três poderes (executivo, legislativo e judiciário). E eu tenho de lembrar que estou simplificando muito porque com certeza tem mais pessoas poderosas que fazem parte dessa história, mas vamos fingir que são apenas os três poderes. Pois bem, quando você fala que o Brasil quer vender soja para a China, você na verdade está falando que um grupinho de pessoas (menos de mil pessoas) lá em Brasília quer que mais soja plantada no Brasil seja vendida para alguém lá na China.

Essa mesma ideia se aplica quando você pensar que o Banco do Brasil quer fechar agências, ou que o SBT quer aumentar a audiência, ou que a padaria da esquina quer mudar o horário de funcionamento.

Eu sei que parece bobagem, que eu estou apenas enchendo o saco por algo que não faz diferença, mas vai por mim: isso faz toda a diferença.

O mapa bom, que eu quero deixar na mente de vocês para que vocês possam entender o resto do livro, é que a política precisa ser vista pelos interesses individuais. Dizendo de maneira mais simples: quando disserem que o Brasil quer vender mais soja para a China, pense em **quem** no Brasil quer vender mais soja para a China, porque não são todos os Brasileiros que querem. Talvez seja muito pouca gente que quer.

Não acredita em mim? Então vamos pensar num exemplo.

O que acontece com o Brasil se ele entrar em guerra com a China e perder? Se você está prestando atenção, agora você perguntou “Mas quem é o Brasil?”. Vamos dizer que o Brasil é a maioria da população do Brasil. Gente como a gente, como você e eu. O que acontece conosco se o Brasil entra em guerra com a China e perde? Consigo pensar em algumas coisas bem ruins.

Primeiro, nós vamos perder muita gente amada. Filhos, irmãos, primos, amigos, etc. Muita gente vai morrer em batalhas. Talvez você não morra, mas provavelmente algum amigo seu vai morrer.

Segundo, nós vamos ter que pagar um preço muito alto em dinheiro também. Guerras são caras. Fazer tanques, rifles, aviões, bombas, etc. Tudo isso custa dinheiro. Claro que você sabe que é justamente a maioria da população brasileira quem vai pagar por tudo isso.

Bem, parece que perder uma guerra contra a China é algo ruim para o Brasil. Aliás, ruim para a maior parte da população do Brasil.

Agora vamos pensar no que acontece com o presidente da república, com os deputados e senadores, e com os juízes dos maiores tribunais do país. Quem decide se o Brasil vai entrar em guerra com a China são essas pessoas, lembra? Eles decidem o que o Brasil quer. Então vamos pensar no que acontece com eles.

Primeiro, é bem possível que nenhum familiar desse pessoal morra na guerra. Os filhos dos senadores, do presidente e etc., eles dificilmente vão parar no campo de batalha. Segundo, será que eles vão ter de pagar o dinheiro que nós teremos que pagar? Pode ser que paguem. Mas será que é possível que eles ganhem dinheiro com isso? Por exemplo, será que é possível que uma empresa nos Estados Unidos pague muito dinheiro por uma palestra do presidente da república (ou dos deputados, ou dos senadores, etc.) como agradecimento pelo Brasil ter entrado em guerra com a China? Uma coisa assim parece possível? Claro que o pagamento seria feito de forma disfarçada. Diriam apenas que é o pagamento por uma palestra que cada um deles deu na empresa, e que tem nada a ver com a guerra.

Pensando até num problema maior. Mesmo que a China destrua o Brasil com muitas e muitas bombas, é possível que o governo dos Estados Unidos receba o presidente da república do Brasil como refugiado político para viver numa ilha de luxo como forma de agradecimento pelo papel do Brasil na guerra? Parece possível de acontecer?

Isto é apenas um exemplo. As coisas não precisam ser do tamanho de guerras internacionais como essa. O que eu quero que todos entendam é que os interesses de um grupo (no exemplo, o grupo é o Brasil) nem sempre são iguais aos interesses dos líderes do grupo (no exemplo, eram o presidente, os senadores, os deputados, etc.).

Quando os interesses de uma pessoa forem diferentes dos interesses do grupo, ela provavelmente vai priorizar os interesses dela. Falando de maneira mais simples: se o presidente tiver que escolher entre o bem do povo e o bem dele ou da família dele, ele vai escolher o bem dele e da família dele.

Não me entendam mal. Eu não estou dizendo que uma pessoa poderosa não se preocupa com os outros. O presidente e os outros poderosos podem se preocupar muito com o povo brasileiro. O que eu quero dizer é que, mesmo que eles se preocupem muito com o povo, se eles tiverem de escolher entre o povo ou eles mesmos, eles vão escolher eles mesmos. Da mesma forma que você faz.

É claro que isso não se aplica apenas a presidentes e deputados. Essa ideia se aplica a todas as pessoas, sem exceção. Se você é síndico de condomínio, você pode se ver nesse tipo de problema. Se você é dono de uma lojinha, também. O presidente e os deputados são o tipo de poderosos que chamamos de Profissionais da Política, mas as regras da política se aplicam a todos. O fato de eles serem profissionais não quer dizer que eles são diferentes, quer dizer apenas que eles sabem jogar o jogo da política de maneira mais contundente.

Com o mapa bom você consegue entender que os povos que vivem melhor não são aqueles que têm líderes melhores (porque os líderes, por melhores que sejam, vão decidir contra o interesse do povo sempre que for preciso). Os povos que vivem melhor são aqueles que têm interesses iguais (o máximo que for possível) aos interesses dos seus líderes. Se os interesses do povo coincidem com os interesses do líder, o líder vai fazer o melhor para o povo porque nesse caso o melhor para o povo é também o melhor para ele mesmo.

Jogue fora o mapa ruim e guarde esse mapa bom. Política só faz sentido quando você entende isso.

Lembre do que expliquei no capítulo 3: as decisões sobre quem vai poder usar cada coisa são sempre decisões políticas, nunca decisões lógicas. Isso acontece porque é impossível decidir de maneira lógica. Quando você respondeu a pergunta que fiz no início deste capítulo e disse qual é o Brasil perfeito, você não deu uma resposta lógica, disse apenas qual o Brasil que você quer. Mas cada pessoa terá um Brasil perfeito diferente do seu.

A ideia de que “O Brasil quer vender soja para a China” é uma ideia errada. Ela nasce da ideia de que existe um Brasil, mas não existe um Brasil, existem vários! Cada pessoa tem em mente um Brasil diferente. Para uns, o Brasil deve vender muita soja para a China. Para outras pessoas, o Brasil não deve vender nada para a China.

Vendo isto, você pode acreditar que a decisão política será uma média das opiniões de todos. Um “meio termo” entre as opiniões de todos. Sinto muito, mas não é verdade. As decisões políticas são tomadas por quem tem mais poder. Se você tem pouco poder, sua opinião não vale nada.

É como na sua infância, quando você dizia que queria algo e seus pais simplesmente diziam que não. Você não tinha poder, então não interessava o que você queria.

Tenha em mente esse mapa bom e as regras do jogo político vão fazer sentido na sua mente. E você vai conseguir entender porque os poderosos fazem coisas que você acha que não têm sentido, mas que na verdade fazem todo o sentido.

Capítulo 5

O Profissional da Política e os Outros

Eu já expliquei que as pessoas que têm mais poder agem como as pessoas que têm quase nenhum poder, ou seja, elas dão mais valor ao interesse delas do que ao interesse da maioria. Usei o exemplo de presidentes, deputados, senadores, juízes, etc. Isso pode fazer alguns acreditarem que as regras da política se aplicam mais a essas pessoas do que a outras.

Eu já disse e direi novamente: as regras básicas da política se aplicam a todas as pessoas com poder. Sejam as pessoas com muito poder ou as pessoas com pouco. Então elas valem igualmente para o presidente da república e para o gerente de um restaurante pequeno. Mas, se é assim, porque pensamos no presidente da república como um caso especial? Como se as regras fossem diferentes para ele?

Chamamos de Profissionais da Política essas pessoas que vivem lutando de maneira pública. São os prefeitos, deputados, presidentes, juízes, promotores de justiça, diplomatas, etc. Quando eu falar em Profissionais da Política, lembre desse tipo de pessoas. Mas por que eles são diferentes?

Se você tem curiosidade o suficiente, já pode estar pensando se tudo isso não é apenas um erro nosso. Pode estar pensando que nós vemos os Profissionais da Política como pessoas diferentes apenas porque nos ensinaram assim e nós acreditamos nisso sem parar para pensar no assunto com maior cuidado. Seria então apenas um erro cultural? Também não é o caso.

Então qual a diferença entre o presidente da república (que é um Profissional da Política) e um gerente de restaurante pequeno? É apenas a quantidade de poder que eles têm? Não mesmo. O dono de uma cadeia de restaurantes multinacional pode ter mais poder que alguns presidentes de várias repúblicas pelo mundo, mas ele não é um Profissional da Política. Então qual a diferença?

Bem, a resposta é um pouco complicada, mas vamos simplificar e chegar lá.

Um Profissional da Política tem como trabalho a representação de uma população. Ele representa o público. O presidente da república, por exemplo, tem de trabalhar para o bem do povo, de todo o povo. O governador de Alagoas tem de trabalhar para o bem do povo de Alagoas. O deputado também. Etc.

O gerente do restaurante não tem obrigação nenhuma de trabalhar para o bem do povo. Ele pode simplesmente trabalhar para ganhar dinheiro e nós aceitamos isto sem nenhum problema.

Começam a perceber a diferença?

Se um candidato à presidência da república disser o que ele realmente quer, ele não vai ganhar a eleição. Ele precisa mentir. É uma obrigação da profissão dele. Se ele disser “Quero é o poder para ganhar muito dinheiro, e quero ajudar meus amigos e poder controlar o país”. Ou se ele falar “Eu me preocupo com o povo, mas me preocupo mais ainda com a minha família”, ele não vai ganhar a eleição. É difícil engolir isso de alguém que devia trabalhar para o seu bem. É claro! Você, que vota nele, espera que ele trabalhe pelo povo (na verdade, você espera que ele trabalhe por você, porque você também não está preocupado com o povo todo, mas apenas com a parte do povo que você gosta).

Agora pense no gerente do restaurante (ou no dono do restaurante). Se ele disser “Eu quero mesmo é ficar rico”. Ou se ele disser “Até me importo com os clientes, mas quero mesmo é o bem da minha família”. Se ele disser isso tudo, quase nada vai mudar na vida dele.

Porque nós queremos continuar a comer a comida do restaurante. Se a comida estiver boa e o preço também, o gerente (ou o dono) pode se preocupar apenas com o dinheiro ou com a família dele e nós achamos isso normal. Qual o problema se ele quer cuidar da própria vida e da própria família com o suor do próprio trabalho, certo?

Com o presidente da república a história muda porque, apesar de ele estar trabalhando, nós vemos nele alguém que tem a obrigação de trabalhar para cuidar de todos os brasileiros e não apenas da própria família.

Aqui você começa a perceber que o Profissional da Política, por trabalhar em nome do povo, acaba sempre na posição de ter de esconder seus próprios desejos e vontades. A mentira, para o Profissional da Política, é uma ferramenta de trabalho completamente necessária, tanto quanto a tinta é necessária para o pintor.

Ficou fácil de entender agora? Nós todos olhamos com desconfiança (e temos um bom motivo para isso) sempre que vemos um Profissional da Política prometendo algo. Porque nós sabemos que eles sempre falam coisas bonitas e fazem coisas não tão bonitas assim. Esta é a profissão deles. Se eles não seguirem essa regra, perdem a eleição.

Todo Profissional da Política que não conhece essa regra acaba fracassado. Mas essa regra é importante para o povo também. Se você é uma pessoa normal, essa regra deve ser conhecida por você, para que você não acredite nas palavras de um Profissional da Política.

Entenda. Talvez ele até seja uma boa pessoa, mas ele **precisa** mentir. O gerente do restaurante pode mentir, mas pode também falar a verdade e mesmo assim ganhar muito dinheiro. Já o Profissional da Política não tem essa escolha.

Agora que ficou clara a diferença entre os Profissionais da Política e os outros poderosos comuns, vamos voltar a falar sobre as regras que se aplicam a todos, tanto aos profissionais como aos outros.

Capítulo 6

Ninguém Governa Sozinho

Pense em um prefeito. Ele manda na cidade, certo? Errado! Se os vereadores não concordarem com as ordens, ele manda muito pouco.

Então são os vereadores que mandam na cidade? Bem, eles precisam ser eleitos e reeleitos, então se os eleitores não votam neles, eles não mandam mais.

Então os eleitores mandam na cidade? Você provavelmente é um eleitor. Você sente que manda na cidade?

Uma das coisas mais importantes sobre política (e que é ignorada por quase todos) é que ninguém governa sozinho. Não pense mais que existe uma pessoa que manda na cidade, porque não existe. O prefeito pode mandar, mas não manda sozinho. Para mandar, ele precisa da ajuda de alguns vereadores, de pessoas influentes na cidade e muito mais.

Quem governa precisa de apoio. Então tente pensar agora quem são os apoiadores.

Qualquer eleitor pode ser um apoiador para o prefeito. Mas nem todo eleitor vai apoiar o prefeito, e mesmo assim o prefeito continua mandando. Nós vamos chamar este tipo de pessoa de Apoiador Supérfluo. É aquela pessoa que pode te ajudar, mas se não ajudar, você continua bem. Todo eleitor é um Apoiador Supérfluo em potencial.

Mas há também eleitores que não são supérfluos. São aqueles que têm alguma coisa que faz deles eleitores mais importantes. Se você perder alguém assim, pode até continuar no poder, mas as coisas podem ficar mais difíceis para você. Pode ser que você tenha um canal no Youtube com 1 milhão de seguidores, ou pode ser que você tenha dinheiro para doar 1 milhão de reais para a campanha do prefeito. Então você é um apoiador mais importante, que nós chamamos de Apoiador Influenciador. Este tipo de apoio vale muito mais do que um apoio qualquer. Então, se o prefeito precisar jogar fora um eleitor normal ou o eleitor que tem 1 milhão de seguidores no Youtube, ele vai jogar fora qual dos dois? Claro.

Pra finalizar, temos também aqueles apoiadores que nós chamamos de Apoiadores Essenciais. Por quê? Sabe os Apoiadores Influenciadores, que são muito importantes? O prefeito pode ganhar e continuar mandando na cidade mesmo que perca um apoiador desses. A vida dele pode acabar ficando mais difícil, mas ele continua no poder. Por exemplo, mesmo que um vereador brigue com o prefeito (e qualquer vereador é um apoiador muito importante para um prefeito), o prefeito pode continuar mandando na cidade se ainda tiver a maior parte dos vereadores do lado dele. Então, no meio dos Apoiadores Influenciadores, existem aqueles que são mais importantes, aqueles que o prefeito não pode perder de jeito nenhum. São estes que nós chamamos de Apoiadores Essenciais.

O exemplo do prefeito vale para todas as pessoas com poder. Se for o presidente da república, a regra é a mesma. Um deputado, um juiz, um general, um promotor, um empresário rico, um apresentador famoso, o gerente de um restaurante pequeno, etc. Todos eles têm apoiadores importantes, mas podem continuar mandando mesmo se perderem alguns desses apoiadores importantes. Só não podem perder de jeito nenhum os Apoiadores Essenciais.

Pensando nessa regra sobre apoios, existe diferença entre um diretor de uma empresa ou um desembargador? Não. A regra é a mesma. Todos que têm poder precisam ter os apoios certos para continuar no lugar que estão. Se eles começarem a achar que são muito importantes e brigarem com seus Apoiadores Essenciais, eles perdem o lugar.

É por isso que, por exemplo, o presidente da república não pode fazer tudo o que quiser. Porque ele até manda no país, mas não manda sozinho. Se ele quiser continuar no poder, a regra diz que ele tem de agradar os Apoiadores Essenciais, depois tentar achar mais Apoiadores Influenciadores e, só depois, ele pode se preocupar com os Apoiadores Supérfluos. Os Apoiadores Supérfluos só fazem diferença porque podem um dia ser mais importantes.

O presidente pode trabalhar para tentar fazer com que algum desses apoiadores menos importantes acabe substituindo um Apoiador Essencial algum dia. Este tipo de pensamento é muito útil para o presidente porque pode dar a ele alternativas para substituição, no futuro, caso ele comece a perder apoio. Isto é **muito** importante, acredite. Se você tem muitos substitutos para seus Apoiadores Essenciais, eles não podem pedir muito para você. Você ganha margem de manobra com eles.

Quem está no poder sempre vai priorizar o bem dele mesmo, das pessoas que são mais importantes para ele e, é claro, de seus Apoiadores Essenciais. O bem das outras pessoas vem sempre depois.

O presidente da república, continuando nosso exemplo, vai sempre priorizar os interesses dele, nunca os seus ou os meus. Ele vai se preocupar muito com o meu interesse apenas se o meu interesse coincidir com o dele. Em outras palavras: ele se preocupará com o meu interesse ou com o seu interesse, mas se preocupará apenas como meio de obter o interesse próprio dele.

É por isso que ser um Apoiador Essencial é tão bom. Porque o interesse desses apoiadores está sempre próximo do interesse de quem manda.

Talvez você tenha começado a entender que existem regras para qualquer pessoa que tem poder. E se as regras não forem obedecidas, eles perdem o poder que têm.

Antes de encerrar o capítulo, quero que todo mundo entenda bem o seguinte: os apoiadores podem estar no mundo todo. Como assim? Bom, eu dei o exemplo de um prefeito, e pode ser que você acabe pensando que os apoiadores que fazem o prefeito continuar no poder são somente pessoas da cidade. Não pensem isso nunca! Um prefeito tem apoiadores no país inteiro, talvez no mundo inteiro. Não pensem que os Apoiadores Essenciais do presidente da república são todos brasileiros, porque nada impede que pessoas de outros países sejam Apoiadores Essenciais. Nada impede que o presidente, os deputados e os senadores decidam alguma coisa para agradar os políticos da Inglaterra, dos Estados Unidos, da Argentina ou da China.

Cada caso de poder é diferente dos demais, porque cada um vai precisar de mais Apoiadores Essenciais ou de menos Apoiadores Essenciais. Vamos continuar falando dos apoiadores no próximo capítulo.

Capítulo 7

Trate Seus Apoiadores de Acordo com a Importância de Cada Um

Lembre de um segundo turno entre PT e PSDB. Qualquer um.

Se você não votaria no PT de jeito nenhum, então você não tem importância nenhuma. Se não vota de jeito nenhum no PSDB, então você também não tem importância. Sua opinião não tem importância porque o seu voto já vai para um dos candidatos independentemente do que aconteça.

Se você não votaria no PSDB de jeito nenhum, então você vai votar no PT (que, no exemplo, é a única alternativa). Isso deixa o PT livre para falar e fazer quase tudo o que quiser sem nem lembrar que você existe, porque você vai votar neles do mesmo jeito.

Comece a compreender as implicações disso tudo. No nosso exemplo, o PT **precisa** do seu apoio, mas ele já tem o seu apoio de qualquer forma, então não vai precisar gastar tempo e dinheiro com você. É melhor usar esse tempo e dinheiro com quem pode mudar de lado.

Eu dei o exemplo de uma eleição de segundo turno porque é mais fácil de entender, mas isso também vale para qualquer outra eleição, e vale do mesmo jeito também para qualquer pessoa que tenha poder e que não seja candidata a nada (como o gerente de restaurante, lembra dele?).

Temos aqui mais uma regra básica, e das mais importantes, que a política traz: trate seus apoiadores de acordo com a importância de cada um.

Isto é importantíssimo! Você não tem dinheiro infinito e não pode fazer tudo o que quer. Se fosse possível governar com apenas um Apoiador Essencial, seria a melhor coisa do mundo. Você deixa esse apoiador feliz e pronto. Fica fácil até de achar alguns substitutos, já que você só precisaria achar alguém com as mesmas características desse seu único Apoiador Essencial. Seria simples.

Já o contrário seria um pesadelo. Se você precisasse do apoio de todas as pessoas do mundo, você não conseguiria fazer nada. Afinal, você precisaria agradar a todo mundo, sem brigar com ninguém. Ao mesmo tempo, você teria de agradar racistas e negros, machistas e feministas, palmeirenses e corintianos... Entendeu como é impossível? Mesmo com todo o dinheiro do mundo, seria impossível.

Daí você percebe que o melhor é precisar do menor número de Apoiadores Essenciais. Se você precisa de 25, ter 26 é gastar dinheiro a toa e ter dor de cabeça pra equilibrar os desejos desse apoiador a mais com os desejos dos outros 25. E, pior ainda, um desses apoiadores pode tentar pegar o seu lugar!

Lembre que os apoiadores mais importantes são importantes justamente por terem poder também. Se você ajuda alguém importante que não é essencial, você pode estar ajudando aquele que vai pegar o seu lugar. Mais um motivo para jogar fora os apoiadores de quem você não precisa.

Nesse cenário, a melhor coisa do mundo para quem tem poder é apoio grátis. Por isso dei o exemplo do segundo turno entre PT e PSDB.

Imagine quem odeia o PT e nunca vai votar nele. Essa pessoa é um apoiador grátis para o PSDB nesse segundo turno. O PSDB não precisa agradar esse eleitor e mesmo assim ganha o voto.

Procure sempre ter esse tipo de apoio. O mundo está cheio de pessoas que vão te apoiar por alguma ideologia ou filosofia, e vão te apoiar de graça ou quase de graça.

Nunca gaste um centavo a mais do que o necessário com essas pessoas, pois é desperdício de dinheiro. Lembra? Eles já são seus e não vão embora. Então gaste o dinheiro com o apoio daqueles que podem ir embora, ou gaste com aqueles que podem trair o seu inimigo e vir para o seu lado.

Prometa um contrato bom e rico para o João, que é um Apoiador Influenciador que está apoiando o seu inimigo. Faça isso se é isso que ele quer e se o apoio dele vai te dar a vitória. Mas se você escolher gastar esse dinheiro com as pessoas que já te apóiam de graça, você não vai mais ter dinheiro para conseguir o apoio do João, e vai perder a próxima eleição por falta de apoio. Sinto muito.

Ter essa regra em mente é importante para entender porque os poderosos esquecem tão rápido de quem os ajudou a chegar ao poder. Existem outras regras, mas essa é uma das mais importantes.

Lembre do que eu falei sobre o mapa ruim e o mapa bom.

O mapa ruim diz que o presidente deve pensar no bem da população, então é errado comprar o apoio de João, porque ele deveria gastar o dinheiro com o povo em geral e não com o João apenas.

Claro. Se fosse você o presidente, você seria diferente e não compraria o apoio de João, certo?

Quem pensa na política desse jeito nunca vai entender porque todos os presidentes compram o apoio de João, e vão sempre gritar e chorar dizendo “Esses presidentes não prestam, eles compram o apoio de João. Temos de eleger este meu amigo aqui, porque ele vai ser diferente”. Mas se você entendeu o que falei até aqui, você já começou a entender como as coisas funcionam. Você já sabe que todo presidente vai comprar o apoio de quem precisar, porque se não comprar, ele perde o poder.

Então, sim, se você um dia chegar à presidência, você vai comprar o apoio do João. Se seu amigo chegar à presidência, também vai comprar.

Mas quero falar outra coisa sobre apoiadores. Você já sabe que ter mais Apoiadores Essenciais que o necessário é perder dinheiro e ter dor de cabeça desnecessária. O problema é que muitas vezes você acaba precisando do apoio de muita gente. Se você precisar tratar cada uma dessas pessoas como um Apoiador Essencial, você vai perder o controle. Por isso é muito importante que, sempre que for possível, você reúna muitos apoiadores em um bloco.

Reunir muitos apoiadores em um bloco facilita a vida de quem tem poder porque faz com que você possa tratar todas as pessoas no bloco como se fossem um único Apoiador Essencial.

Entenda. Gerenciar os interesses de 20 mil pessoas é muito difícil, mas se você sabe que todos eles se importam muito com pesca, você pode tratar todos eles como o Bloco da Pesca e agradar todos com uma decisão que beneficie a pesca.

Outra vantagem em se fazer isto é conseguir que todos eles se sintam como um grupo que tem de se unir contra outro grupo. Quer um exemplo?

Você pode se apresentar como o defensor dos aposentados. Unir os aposentados em um bloco, dando benefícios a eles como se fossem um único Apoiador Essencial, e dizer para eles que o seu inimigo político quer tirar a aposentadoria que você deu a eles. Com isso você consegue tratar milhares ou milhões de pessoas como se fossem um grupo com os mesmo interesses e, ainda mais, consegue fazer com que eles se sintam um grupo que precisa se unir

contra o seu inimigo político. Não é maravilhoso? Você mata três ou quatro coelhos com essa única pedrada.

Vamos revisar um pouco. Se você estiver em uma situação de muito poder, compre o apoio de quem **não** te apóia de graça. Fale bonito para agradecer quem te apóia de graça, mas não gaste dinheiro e coisas importantes com eles, pois eles te apóiam de graça e você precisa do dinheiro para comprar o apoio de outros. Jogue fora apoiadores que não são mais necessários para evitar que eles dificultem a sua vida com os Apoiadores Essenciais e para evitar também que eles tentem tomar o seu lugar. Se você não respeitar essa regra, suas chances de perder o poder são altas.

Ah, é bom dizer que essa história de ter um apoiador tomando o seu lugar é muito séria! Fica fácil entender que os Apoiadores Essenciais são muito importantes, certo? Então pense o que você, no lugar de um presidente da república, deve fazer.

Claro, primeiro você tem de deixar esses apoiadores felizes. Depois, você tem de pensar num jeito de diminuir a quantidade deles. Se você tem 25, veja se consegue depender de apenas 24. Isso você já sabe. Mas saiba que é preciso garantir que esses apoiadores não possam tomar o seu lugar.

É preciso pensar sempre em substituir os que podem ser menos leais. A principal qualidade que você precisa em um apoiador é a lealdade a você. Vamos a um exemplo.

Tem sempre alguém reclamando que o presidente não escolheu um ministro bom, que o ministro que ele escolheu não sabe o que faz, e etc. Quem fala esse tipo de coisa não entendeu que a coisa mais importante para um ministro é ser leal ao presidente. Ser inteligente ou capacitado são qualidades secundárias.

Se você depende de alguém (e o presidente depende de seus ministros, além de muitas outras pessoas), você tem de preferir sempre que esse alguém seja confiável. Não importa se ele é bom ou ruim, se ele é um ladrão ou um assassino, importa apenas que você possa confiar nele. Se ele for inteligente e não for leal a você, ele pode usar a inteligência dele para te derrubar.

Claro, para o país é melhor que todos os ministros sejam pessoas altamente inteligentes e capazes de resolver os problemas que o país enfrenta, mas para o presidente isso **não** é o mais importante. Para o presidente, o mais importante é ter certeza de que os ministros vão ajudar o presidente a continuar no poder.

Se for possível garantir que nenhum dos Apoiadores Essenciais pode tomar o seu lugar, e que não podem passar para o lado do inimigo, você está bem. Este tipo de apoiador é exatamente o melhor, e é ele quem deverá ser escolhido.

Só deixe gente inteligente e capaz ficar entre os seus Apoiadores Essenciais se você não tiver outra escolha. Se você puder continuar no poder apenas com gente burra que faça tudo o que você mandar, você vai continuar no poder para sempre. Infelizmente, o mais provável é que você precise de ao menos alguns Apoiadores Essenciais que sejam muito inteligentes e capazes. Neste caso, não há jeito, você vai ter de correr o risco.

Capítulo 8

O Jogo da Política

O jogo acontece no campo.

Todos os Profissionais da Política estão no campo da política jogando o jogo. No caso do Profissional da Política, o jogo é mais específico, é um jogo profissional. Nós não somos jogadores nesse campo mais fechado dos profissionais. Mas o que eu falei antes continua verdade: todos nós estamos no jogo da política, apesar de talvez não jogarmos o jogo profissional da política.

É importante que vocês entendam que, muitas vezes, o que o jogador quer mesmo é ganhar o jogo. Talvez ele nem esteja muito preocupado com dinheiro.

Existem muitos troféus para se ganhar no jogo da política, e nem sempre o dinheiro é um troféu. Você pode ser líder do governo na câmara dos deputados, ou líder da oposição na câmara dos deputados. Pode ser prefeito de uma cidade pequena, pode ser ministro de um tribunal ou de um ministério. Enfim, existem muitas posições de poder, e todas elas são troféus. Claro que há troféus mais cobiçados do que outros.

Assim como existem apoiadores mais importantes do que outros, e como existem troféus mais cobiçados do que outros, há jogadores com mais capacidade de ganhar o jogo do que outros. Existem jogadores muito mais fortes no jogo, e existem aqueles jogadores fracos.

Eu já falei antes que as pessoas não se interessam apenas por dinheiro. Uma pessoa que tem poder pode se interessar apenas pelo jogo do poder. Nesse caso, o interesse da tal pessoa é ganhar o jogo, ganhar um troféu que ela deseja. O dinheiro vai ser menos importante para alguém assim. Você consegue entender melhor isso se lembrar que várias pessoas já têm muito dinheiro, então elas não estão muito preocupadas em ganhar mais dinheiro, e dão prioridade a outras coisas que elas consideram mais importantes, como os troféus do campo.

Por que é importante saber disso? Porque muitas vezes você pode olhar para o mundo e tentar entender o motivo de um deputado que odeia os bancos ter votado para aprovar uma lei que ajuda os bancos. Você pode acreditar que ele ganhou dinheiro para isso. Pode ser que tenha ganhado dinheiro, mas pode ser que ele tenha ganhado qualquer outra coisa, qualquer outro troféu que interessava a ele. Pode ser que, votando naquela lei, o dito cujo consiga apoio de colegas para ser o líder do partido, ou para que ele seja eleito presidente da câmara dos deputados.

Acredite. Existe muita gente que quer gastar dinheiro para ser líder da câmara. Muitos deles não fazem isso para depois ganhar mais dinheiro, eles fazem apenas para ganhar o jogo.

Neste jogo, o dinheiro muitas vezes pode ser apenas um meio. O troféu de verdade pode ser um cargo de mais poder. Se você pensar no jogo da política acreditando que o dinheiro é o que mais importa, talvez você deixe de entender muita coisa que acontece. E, lembre sempre, para ganhar o jogo é preciso entender as regras.

Você alguma vez já teve vontade de conseguir algo apenas porque queria? Já jogou futebol e quis muito ganhar o jogo mesmo sabendo que não iria ganhar dinheiro no final? Ou já entrou em qualquer outro tipo de disputa e quis ganhar apenas por ganhar? Isto acontece em todos os jogos, e no jogo da política não é diferente.

Não estranhe se você encontrar alguém um dia e perceber que essa pessoa fez de tudo apenas para estar numa posição de poder sem ganhar dinheiro com isso. Essa pessoa estava atrás da glória, do aplauso de seus colegas. Ela queria o poder pelo poder. Talvez do mesmo

jeito que um jogador de futebol quer fazer algum movimento muito difícil para que seus colegas batam palmas para ele.

Nem tudo na vida é dinheiro. O dinheiro faz parte de toda a nossa vida, mas ele não é a única coisa que queremos. Para quem já tem muito dinheiro, ele passa a não valer tanto. E aí a emoção de ganhar o jogo passa a ter mais valor.

Pensar que as pessoas fazem o que fazem apenas para ganhar dinheiro é uma ideia completamente errada. Enquanto você não perceber que as pessoas podem ter vários tipos de motivos para fazer o que fazem, e que o dinheiro é apenas um dentre vários motivos, você estará vendo o mundo de um jeito errado.

Por último, quero que você se lembre do mais importante: você não precisa ser Profissional da Política para ganhar nesse jogo.

Se você entende melhor as regras básicas, você tem mais capacidade de saber o que fazer. Você pode entender que o presidente e os deputados têm interesse em aprovar uma lei específica, então você pode se preparar para isso.

E, ainda mais, sabendo as regras básicas da política, você agora pode deixar a inocência e a ingenuidade para lá. Você deixa de acreditar que existe um certo e um errado na política, e passa a entender que esse mundo não é como você quer, nem é como “deveria ser”, mas que ele é como ele é.

Você pode entender as regras da política e prestar atenção para se defender, ou pode fechar os olhos para o jogo que está acontecendo e fingir que ele não tem nada a ver com você. Mas você já faz parte do jogo, mesmo não sendo um jogador. Todas as decisões nesse jogo vão te afetar. Seja a decisão do presidente da república ou do diretor da empresa onde você trabalha. Eu recomendo ver o jogo como ele é, entender as regras e agir com elas em mente. Mas você tem todo o direito de continuar na inocência e na ingenuidade.

A escolha é sua. O jogo continua.

Capítulo 9

O Fim do Poder

A palavra “fim” pode se referir a um objetivo ou ao momento em que algo acaba.

O objetivo do poder no jogo da política é fácil de ser entendido: todos querem ter o poder para distribuir os recursos da maneira que eles acharem melhor.

Mas qual será o momento em que o jogo acaba? Afinal, ele já existe desde que existem pessoas. Por que não acabou? Como falei antes, não vai acabar enquanto houver pessoas vivendo juntas e precisando alocar os recursos.

Por que não vai acabar? Especialmente por dois motivos de ordem estrutural. Ou seja, dois motivos que estão na própria estrutura das relações que as pessoas têm umas com as outras. Quais são esses motivos?

Motivo Nº 1: por que sempre vai existir alguém querendo ganhar mais poder.

Se um poderoso deixa para lá as regras da política, outra pessoa vai derrubá-lo e assumir seu lugar. Mesmo que você acabe sendo uma pessoa super poderosa, você só vai continuar sendo tal pessoa se seguir as regras do jogo para manter seu apoio. Perca seu apoio e perca também o seu poder.

Assim, mesmo que uma pessoa muito poderosa decida que não quer mais seguir as regras, alguém entrará no lugar dela e seguirá as regras para ter o poder que está vago.

Você pode perguntar: e se todo mundo resolver que essas regras são ruins e deixarmos para lá todo esse jogo horrível? Funcionaria, mas só funcionaria até o momento em que as pessoas percebessem que, sem política, não será possível distribuir os recursos.

Quem pode usar aquela estrada? E aquela praia? E aquele rio? E aquele computador? E, se pode usar, tem de obedecer quais regras enquanto usa? As respostas a essas perguntas são sempre dadas pelo jogo político. Então, quando as pessoas percebessem que não há mais regras, elas simplesmente teriam de voltar a jogar o jogo da política.

Importante lembrar o que falei várias vezes desde o início: o jogo da política não fica apenas nas mãos dos Profissionais da Política. Todo mundo está jogando, o Profissional é apenas um profissional, enquanto você é um amador. Se amanhã, por alguma razão, escolhêssemos uma forma de governo que não envolve Profissionais da Política (ou seja, nada de presidente da república, deputados, governadores, prefeitos, etc.), nós ainda teríamos o jogo da política em plena ação. O dono do restaurante, o gerente do restaurante, o CEO do Banco Itaú, o síndico do condomínio, etc. Todos são jogadores do jogo político, apesar de talvez não serem profissionais.

Motivo Nº 2: eu sei que você pode odiar o jogo da política e todas as regras que eu expliquei. Com todo esse ódio, você quer ter o poder de mudar tudo e fazer um mundo melhor sem ter de jogar o jogo.

Eu te entendo. Entendo mesmo. Agora você já sabe que você não faz parte da elite. E não está nem perto de ser um Apoiador Essencial dos maiores poderosos. Você acaba pagando a maior parte das despesas e eles acabam tendo a maior parte do poder.

Vamos derrubar o governo e fazer um governo melhor! Não, não vamos.

Primeiro porque mudar as pessoas no poder não vai fazer essa nova elite ser uma elite boa para o povo. As regras que mostrei aqui se aplicarão a essa nova elite tanto quanto se aplicavam à antiga. Mudar o governo só interessa a quem vai entrar no novo governo, ou a quem tem interesses iguais aos do novo governo (e isso é apenas uma minoria, acredite).

Também porque, mesmo que você consiga gente o suficiente para fazer essa revolução, você tem certeza de que vale a pena? Essa pergunta é muito importante.

Como já falei antes, no capítulo “Por que aceitamos que mandem em nós?”, você também tem algum poder, tem algum dinheiro, tem alguma coisa que você não quer perder. Você quer mais, porque acha que é justo que você tenha mais poder, e acredita que a elite tem poder demais. Mas nada garante que, depois da revolução, você vai ter mais poder. Pode ser que você acabe tendo menos poder no final.

Você tem uma aposentadoria de um salário mínimo, então é muito pouco e você vai fazer uma revolução com seus colegas para conseguirem mais alguma coisa. Quem garante que depois da revolução você não vai perder sua aposentadoria? As regras que dão o poder do governo atual também te dão a sua aposentadoria. Talvez depois que o governo atual mudar, sua aposentadoria mude para melhor, mas talvez mude para pior.

Você já aprendeu que você não faz parte dos Apoiadores Essenciais dos poderosos, mas a revolução pode te mandar ainda mais para baixo. Você pode torcer para que o novo governo seja bom com você, já que você ajudou a colocar ele no poder com a revolução, mas você já aprendeu que os poderosos só gastam dinheiro com os apoiadores que eles precisam. Então talvez depois da revolução você seja deixado de lado pelo novo governo, do mesmo jeito que você já é deixado de lado depois de cada eleição.

Isso não se aplica só a você. Um vereador menor gostaria de ser presidente da câmara e acha injusto que o presidente da câmara tenha tanto poder e ele mesmo tenha pouco, mas ele não vai tentar uma revolução a não ser que tenha certeza de que ele vai ficar bem quando a revolução acabar. Por que ele sabe que uma revolução pode fazer ele perder o cargo que tem agora.

Nós só arriscamos perder o que temos numa revolução se tivermos certeza de que, no final, ficaremos melhor que antes.

Mais um exemplo. Enquanto escrevo isto, muita gente está preocupada com uma possível ditadura militar no Brasil. Apenas com o que falamos neste motivo nº 2 você já pode entender que é muito difícil para os militares tentar uma revolução. Afinal, mesmo tendo todas as armas, o exército é feito de poderes em hierarquia. Se os generais tentarem uma revolução que coloque todos eles em cargos de mais poder do que o que eles já têm, é muito possível que algo dê errado e eles acabem sendo mortos na revolução, deixando que um coronel ou um capitão acabe ganhando o poder que eles gostariam de ter.

A regra que coloca os generais abaixo de outros poderes também é a regra que coloca os generais acima de todo o restante do exército. Se você já é um general, por que arriscar perder esse poder numa revolução?

Para que os militares tentem derrubar o governo do próprio país, é preciso que eles tenham muita certeza de que vai ficar tudo bem depois. Se não dá para ter essa certeza, melhor ficar no quartel.

Isso explica quase totalmente o motivo das revoluções serem tão raras.

Só há revoluções em lugares onde já aconteceu uma revolução pouco tempo atrás (que tenha deixado o tal lugar abalado até agora) ou em locais em que existam muitas pessoas que têm tão pouco que elas chegam a não ter o mínimo. Ora, se você não tem o mínimo, você não se importará em arriscar perder o que tem em uma revolução.

Claro que essa ideia de “mínimo” depende de cada pessoa. Cada um tem um “mínimo” diferente. Para mim, esse mínimo pode ser um pouco de comida de qualidade, uns livros

interessantes e poder andar na rua em paz. Para outros, o mínimo pode ser o direito de casar com uma pessoa do mesmo sexo. O fato é que, se o seu mínimo está atendido, você vai evitar chegar perto de grandes revoluções para não arriscar perder o mínimo que você tem.

Estes dois motivos fazem com que o jogo da política nunca acabe.

O poder é perene. O poder não tem fim.

A nossa busca por uma vida estável e minimamente agradável nos impede de jogar fora a política. Impede-nos até mesmo de tentar fazer revoluções radicais contra o poder instituído no momento. Seja esse poder um poder nacional ou apenas o seu chefe no trabalho.

Importante lembrar que estes dois motivos explicam quase tudo, mas há muitos outros motivos que complementam a explicação. Como eu quero deixar as coisas o mais simples possível, basta falar destes dois motivos.

Continuemos.

Esta relação que apresentei aqui é o que chamamos de Relação Dominado/Dominante em um campo social. Os dominados poderiam, a qualquer momento, jogar tudo para o alto e destruir o jogo no campo, mas isso acabaria com o jogo para eles também. Para destruir o jogo dos dominantes, os dominados ficam sem jogo. E é melhor ter um jogo onde você é dominado do que não ter jogo nenhum (desde que você tenha o mínimo, como eu já disse).

Dessa forma, a elite de qualquer campo social ou de qualquer sociedade só precisa ter certeza de que todos tenham o mínimo para se satisfazerem. Se todos têm esse mínimo, ou se a grande maioria tem esse mínimo, o jogo continua sem sofrer grandes mudanças. Mesmo que todo mundo ache injusto que o poder esteja quase todo nas mãos de poucas pessoas.

É assim que eu encerro este pequeno manual. Lembrando que as pessoas nunca estão satisfeitas com o que têm, e que não há recursos suficientes para que todos tenham o que querem o tempo todo. Lembrando também que todos nós vamos sempre estar no jogo político justamente por causa disso.

E, por último, lembrando que você não pode deixar a política de lado, pode apenas fechar os olhos para não ver quais são as regras da política. Torço para que você tenha entendido as regras mais básicas do jogo, e que tenha compreendido como é importante entender todas elas para jogar como o jogo é jogado, e ter o poder de se defender.

De um jogador para outro, te desejo sorte.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco.**
- BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: Sobre a Teoria da Ação.**
- MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe.**
- MISES, Ludwig. **Ação Humana: Um Tratado Sobre Economia.**
- SMITH, Alastair; MESQUITA, B. Bueno de. ***The Dictator's Handbook: Why Bad Behavior is Almost Always Good Politics.***
- TZU, Sun. **A Arte da Guerra.**

Comentários Sobre as Referências (Ou: Para Quem Quer Ir Além)

Eu tentei manter pequena a quantidade de livros nas referências. É claro que eu precisei ler muito mais do que esses livros para escrever este manual, mas me atrevo a dizer que bastaria ter lido os poucos que listei nas referências para que fosse possível entender o que escrevi em todo este meu pequeno livro. Assim, resolvi apresentar eles como referências para quem quiser aprender de maneira mais profunda o que tentei explicar aqui de maneira muitíssimo superficial.

Vou falar de cada uma das obras para que você possa escolher por onde começar ou, se for o caso, escolher quais vai ler e quais vai deixar de lado.

Ética a Nicômaco é um livro que recomendo mais para quem quer entender melhor sobre ética antiga e sobre o pensamento aristotélico. É um livro difícil, denso e enfadonho. Se você quer mesmo entender as regras da política, talvez este não seja o melhor lugar para começar. Contudo, como Aristóteles é um pioneiro na política de uma maneira mais organizada no Ocidente, ele precisa ser lido para aprofundamento.

Razões Práticas, de Bourdieu, é um livro muito difícil. Se você não conhece o mínimo sobre os conceitos de Bourdieu, este livro é quase impossível de ser entendido (e dizem que é um dos mais fáceis do autor). Eu recomendo muito a leitura deste livro, pois entender os conceitos de *habitus*, espaço social, campo social, capital simbólico, entre outros, é transformador para qualquer um que quer entender a vida em sociedade. Mas antes de ler procure alguma obra que apresente os conceitos básicos do autor. Eu só li este livro depois de ver 5 aulas sobre os conceitos básicos de Bourdieu, e mesmo assim a leitura não foi nada fácil.

O Príncipe é leitura obrigatória para se entender algo mais profundo sobre política. É um livro que tem capítulos mais interessantes e capítulos mais enfadonhos, mas continua sendo leitura obrigatória. Talvez não seja o melhor para começar, mas começar por ele não será ruim, desde que primeiro você pesquise um pouco sobre a obra.

Ação Humana é daqueles livros que tentam responder todas as perguntas sobre um tema. Consegue? Não, mas tenta muito bem. Ajuda bastante a entender as maneiras adequadas de se pensar a ação humana e porque analisar a sociedade como grupos impede a boa análise, afinal, num mesmo grupo os indivíduos têm interesses próprios e distintos. É uma aula de epistemologia.

The Dictator's Handbook é a melhor obra sobre política que já li. Não que seja mais certa ou errada que as outras que já vi, ou que eu concorde com tudo, mas porque explica muito bem e de maneira fácil de se entender. Eu recomendo começar por aqui. O grande problema é que não existe tradução para o português (que eu conheça), então só é possível mergulhar nesse maravilhoso livro se você entende um certo nível de inglês.

Por fim, **A Arte da Guerra**, de Sun Tzu, é muito interessante por tratar de política e de teoria militar. É o livro mais antigo das minhas referências, provavelmente com mais de 4 mil anos de idade, e mesmo assim é muito atual. Não é a leitura mais fácil do mundo, justamente por ser antigo, mas é um livro pequeno e que vai direto ao ponto, então pode ser lido mais de uma vez sem problemas. Nessa obra você vai aprender as bases do equilíbrio e da execução de poder, e como o ambiente em que você se encontra faz toda a diferença. Talvez seja o melhor livro para iniciar a leitura, se você não puder ler *The Dictator's Handbook*.